

Matusa Mendes da Trindade
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo

O presente trabalho analisa a obra *As Virtudes da Casa*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, apresentando a obra e relacionando-a à questão da alteridade. Desenvolve-se, para tal, uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, buscando, nesse intento, em estudos sobre as relações entre identidade e alteridade, em especial de Stuart Hall e Kathrin Woodward. Contempla-se também, a questão da identidade sul-rio-grandense do século XIX, permitindo, assim, um entendimento melhor do eu e do outro na obra.

Palavras-chave: *As Virtudes da Casa* – alteridade – identidade

Abstract

This paper analyzes a novel *As Virtudes da Casa*, by Luiz Antonio de Assis Brasil, presenting the novel and relating to an otherness question. Is developed, hence, a bibliographical and qualitative research, searching studies about relations between identity and otherness, in special Stuart Hall and Kathrin Woodward research. The paper also contemplates the question of identity in Rio Grande do Sul in XIX century, allowing, thus, a better agreement of the self and the other in a novel.

Keywords: *As Virtudes da Casa* - Otherness - identity

Considerações iniciais:

O presente trabalho analisa a obra *As Virtudes da Casa*, do escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil, publicada pela primeira vez em 1985, procurando-se, através dela, identificar as perspectivas da identidade e da alteridade, assim como as formas como se estabelecem em sua tessitura narrativa.

Considerando-se que o homem é um ser social, que vive e convive em estado de dependência e interrelação com os outros, é através deles que se forma a sua identidade, afinal não se sabe quem realmente se é sem conhecer uma realidade diferente da existente, daquela cotidianamente vivenciada. Assim sendo, o estudo da identidade e da alteridade demonstra a necessidade do contato com outros indivíduos para que se construam as noções de semelhança (*idem*) e diferença (*alter*).

Neste aspecto, conforme Woodward (SILVA, 2007, p.11), “a identidade é marcada pela diferença”, um indivíduo somente se reconhece como pertencente a um grupo, quando vê que é diferente de outros grupos, mas que mantém vínculos que o relacionam ao seu grupo.

Da mesma forma, ele se reconhece como uma identidade peculiar quando se compara àqueles que fazem parte do meio em que se insere.

Partindo-se, neste caso, da admissão de que se há uma identidade, outra está sendo negada, ou seja, dependendo do ponto de vista adotado, quem ora é identidade, ora poderá ser alteridade, pode-se observar a dinamicidade que envolve tal processo: identidade/alteridade, haja vista que a identidade não é fixa, ela se modifica com o passar do tempo e do contato com outras realidades. Expresso de outra forma, a identidade é uma constante construção, novos ambientes, novas informações, novos conceitos, novas tecnologias tendem ao estranhamento, à absorção e à transformação do eu que se espelha, reflete e nega ou assimila o outro.

No presente estudo, inicialmente, aborda-se a estrutura do romance posto em análise, evidenciando-se, primordialmente, aspectos estruturais que permitem ao leitor recuperar a trajetória das personagens postas em ação no romance. Em continuidade, enfocam-se aspectos teóricos relativos à identidade e à alteridade para, na sequência, aplicar os dois conceitos na análise romanesca propriamente dita. Parece lícito afirmar que o estudo não se esgota aqui e que novas abordagens são possíveis em face à riqueza da narrativa de Assis Brasil, assim como os novéis estudos que se traçam sobre alteridade e identidade no contexto não só literário.

Considerações sobre o romance

O romance *As Virtudes da Casa*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, está dividido em quatro partes, as quais são definidas como novelas, cada uma delas com subdivisões em capítulos. A novela I, denominada “Isabel” traz oito capítulos; a novela II, “Mas os deuses estão vivos”, possui doze capítulos; já a novela III, “As dores e os frutos” completa-se em dez, e a novela IV “Os Mistérios da Fonte” encerra a narrativa com doze capítulos.

Em *As Virtudes da Casa*, a narrativa desenvolve-se segundo a tipologia de narradores de Friedman (1967), na categoria Onisciência Seletiva Múltipla, ou seja, a história é contada em terceira pessoa, surgindo pela intelectualidade de uma personagem destacada, pois, em cada uma das novelas, há um ponto de vista para a mesma situação, registrando as impressões que os acontecimentos e as outras personagens deixam naquela personagem em particular. A adoção do discurso indireto livre promove uma confusão entre a fala e os pensamentos das personagens, uma vez que se entrecortam com a fala e as digressões do narrador.

Nas três primeiras partes, há a narração da mesma situação partindo do ponto de vista de uma personagem diferente: na primeira, é a visão da filha de Micaela, Isabel; em seguida, o filho Jacinto e, na terceira, o foco é a própria Micaela. Já a quarta e última parte, composta por doze capítulos, que vão contando o desfecho da situação através da visão das três personagens e com a volta do coronel para a fazenda, há a inclusão do ponto de vista de um padre que o fazendeiro encontra pelo caminho. Além disso, no encerramento do livro, há o ponto de vista de um convidado da festa, Felipe.

A história ocorre na Estância da Fonte, uma fazenda no interior do Rio Grande do Sul, cujo dono é o coronel Baltazar Antão, grande proprietário de terras, que ali reside com a sua esposa Micaela e seus dois filhos: Isabel e Jacinto. Por ocasião da guerra contra Artigas, o coronel decide ir à luta e leva os seus melhores homens para a batalha. Antes de partir, lembrando-se que estava prevista a chegada de um naturalista francês, o coronel recomenda tratamento especial ao ilustre visitante, “para o francês, o melhor” (ASSIS BRASIL, 2002, p.21).

A chegada de Felicien modifica a vida dos que vivem na estância, pois ele é um homem com costumes requintados, diferente dos homens rústicos da região. Isabel, apesar de ser noiva, apaixona-se pelos galanteios do estrangeiro, já sua mãe mantém-se reclusa no quarto, recusando-se a conhecê-lo. Somente quando Isabel decide ceder aos encantos do visitante, Micaela desce deslumbrante para conquistá-lo definitivamente.

O mais interessante, nessa mudança de perspectiva do narrador, é que, no capítulo que se observa o ponto de vista de Micaela, entende-se que, na verdade, ela nunca esteve realmente escondida em seu quarto como seus filhos pensavam, ela sempre observou tudo o que estava acontecendo na casa, inclusive a relação da filha com o francês.

Micaela usa toda a sua sensualidade para conquistar o francês, o qual, encantado pela sua beleza, retribui as insinuações, iniciando uma relação secreta com a esposa do coronel. Isabel e Jacinto começam a se preocupar com esse envolvimento, temendo que as consequências sejam graves.

Na época em que o trigo acaba de ser colhido, a paixão de Micaela e Félicien está cada vez mais evidente, tendo-se, em seguida, a notícia do final da guerra e da volta de Baltazar Antão para o alívio dos filhos, mas Micaela, por seu turno, decide fugir com o francês. Preocupados com a moral da família, Isabel e Jacinto impedem que a mãe fuja.

Sempre no final da colheita, realizava-se uma festa na estância da Fonte, Baltazar Antão chega a tempo da festa, com seu convidado, um padre alcoólatra, vindo do Rio de Janeiro, que se apresentou como Gabriel de Simas.

Na festa, quando todos começam a dançar, Micaela, sedutoramente, convida o marido para acompanhá-la até o quarto do casal e, tudo indica, envenena Baltazar. A festa transforma-se em um funeral. Através da mudança de foco narrativo, observa-se que os filhos tinham consciência do final que o seu pai teria, mas ambos preferiram fingir que nada havia acontecido: Isabel assistiu à ida de seus pais para o quarto, preferindo ignorar as consequências dessa situação, como o próprio narrador destaca: “de braços cruzados” (ASSIS BRASIL, 2002, p.375); enquanto que Jacinto deixa a casa da estância e fica vagando pelos campos da Fonte até receber a notícia da morte do pai.

A narrativa é encerrada com as suposições de um convidado da festa, Felipe, que observa atento os acontecimentos e indaga-se o que realmente aconteceu no quarto de Micaela. Ele supõe o envenenamento, ao mesmo tempo em que pensa que um envenenado não morre rapidamente, alguém teria que acelerar a morte do coronel para não haver sofrimento. Neste ponto, Felipe lembra o comentário das empregadas que, quando o coronel começou a passar mal, Isabel mandou que todos se retirassem do quarto e ficou sozinha com o pai em seus últimos momentos. Acompanhando o cortejo, o rapaz vê uma gota mínima de sangue cair do couro que cobria o corpo, e conclui que os mistérios da Estância da Fonte serão enterrados com o coronel Baltazar Antão.

Identidade e alteridade: uma abordagem teórica

No estudo da identidade, conforme afirmação de Silva (2007, p.74) ao defini-la como “simplesmente aquilo que se é”, faz-se possível considerá-la auto-suficiente e auto-contida. Não esquecendo, no entanto, que existe a diferença, que se estrutura como o que a identidade não é, ou seja, a negação da identidade. Entretanto, o próprio autor apresenta a complexidade dessas definições e acresce que “as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade” (SILVA, 2007, p.74), ou seja, se há uma identidade deve haver uma diferença, por isso, há uma interdependência entre os dois conceitos.

Uma perspectiva semelhante é apresentada por Woodward (2007, p. 9) ao defender que “a identidade é relacional”, logo, ela necessita que exista algo além dela, de um “outro”, uma identidade diferente da existente, para dar sentido ao “eu”.

De acordo com Hall (2007, p.106), “na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são

partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”. Nesta perspectiva, a identidade não se constrói sozinha, o que não quer dizer que um indivíduo pertencendo a determinado grupo, como o próprio Hall comenta, não é um processo completo, finalizado, mas uma construção permanente, pois, “embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la, a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência” (SILVA, 2007, p.106), ou seja, visto nada é absoluto, as identificações também são sempre incompletas.

Assim sendo, o processo identitário nunca é realmente pronto, evidenciando, pois, a importância da existência de um “outro” que não seja pertencente à mesma identidade, ou seja, é na coletividade que se pode estabelecer a identidade e a diferença, pois uma identidade não se forma sozinha. Ou, segundo assevera Bauman (2007, p.22), nestes “tempos líquidos”, a identidade também é mutável e fluída: “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas”.

Sendo provisória, quem ora é identidade poderá sê-lo alteridade, pois não há papéis prontos quando se trata de identidade e alteridade, logo, um indivíduo pode assumir ou negar uma posição, tanto escolher quanto negar ser, de acordo com a situação na qual está inserido.

Identidade e alteridade em *As Virtudes da Casa*

As Virtudes da Casa, é um romance que resgata a forma de vida nas estâncias gaúchas do século XIX, há uma desestruturação do universo familiar existente na Estância da Fonte com a chegada do francês ao interior Sul, criando um conflito de alteridades: de um lado, o mundo europeu e, do outro, o mundo gaúcho.

É a chegada do estrangeiro, do “outro”, que coloca em xeque a moral vigente, ou seja, os dogmas cristãos, uma marca identitária da sociedade gaúcha na época enfocada pela narrativa, marcados pelo conservadorismo, enquanto, de outra parte, essa alteridade traz a tona sentimentos que eram menosprezados e/ou considerados errados, como o desejo e a vontade do indivíduo. Haveria, pois, sob este prisma, uma subversão dos ideais que dominavam a sociedade representada, assim como dos valores que, em tese, norteavam o relacionamento familiar.

Além disso, pela forma como a obra é narrada, o francês sempre é visto de fora; não se tem acesso a sua consciência íntima, afinal, o que se sabe dele é percebido pelo olhar das

personagens cujo ponto de vista está sendo destacado, isto é, o francês é dado a conhecer através dos pensamentos dos outros, tem-se, dessa forma, uma visão da alteridade, de um viajante estrangeiro que se admira com o Rio Grande do Sul e suas belezas. Ressalve-se, porém, que este *alter* não se esgota aí, uma vez que ele desencadeia transformações naquilo que era dado como *idem*.

O interessante é que esse olhar do estrangeiro, de fora do ambiente, é capaz de valorizar e descobrir elementos que aqueles que o habitam não conseguem apreciar. Como Woodward assinala, são necessárias novas consciências para que haja uma modificação das existente, como ocorre na passagem:

Esteve algum tempo parado, apreciando. Lindos campos estes, da Estância da Fonte, ele disse numa voz pensada.

Lindos? Isabel perguntou-se, desviando o olhar para as coxilhas enquadradas pelo que restava do vão da porta. Esses estrangeiros sabem dar valor às coisas, conhecem o que é bonito e o que não é; vai ver que nunca me dei conta porque estou sempre vendo. (ASSIS BRASIL, 2002, p. 27)

Com o foco narrativo centrado em Isabel, compreende-se que aqueles que vivem na estância acostumaram-se com o que veem e, em razão disso, esquecem-se de apreciar as belezas do lugar; é necessária, desse modo, a presença de um estranho ao meio, de outro, para mostrar-lhes o quão bela e rica é a paisagem do pampa. Essa visão estrangeira possibilita o despertar de um olhar diferenciado, logo, é capaz de valorizar o que aqueles que aqui habitam não o fazem. Deve-se, assim, ressaltar que, neste caso, a alteridade assume papel positivo, tendo em vista que destaca aquilo que se tornara comum, prosaico, concede-lhe uma visão diferenciada, enriquecedora – dessa forma, o *idem* passa a se reobservar, a contemplar aspectos que já haviam sido esquecidos, havendo, sob certo aspecto, uma redescoberta deste *idem* e do seu espaço de inserção.

Observa-se que o francês provoca a desfamiliarização ou o estranhamento diante do que é conhecido, pois possui uma percepção diferenciada dos habitantes da estância e, por esse motivo, consegue despertar-lhes uma nova maneira de ver as coisas já conhecidas. Félicien, portanto, apresenta a Isabel a visão que ele tem do sul, levando-a a olhar para o lugar como se fosse a primeira vez. Isabel constata que o francês consegue observar melhor, notar detalhes que ela e os demais habitantes do lugar já não conseguem perceber.

De Isabel depreende-se a sensação de um Félicien concebido como uma espécie de rei Midas da beleza, já que ele observa as belezas que, para ela, antes pareciam sem graça e triste, mas que, através dos olhos do francês, ganham vida e sentido.

Os campos e os matos, antes tristes e sem encantos, tomavam novo sentido, sob o olhar de Félicien; desdobravam-se ondulantes, vivos, como animais ou feras que acordassem. Mortos que antes estavam, engastados em sua solidão sem serventia, agora passavam a vibrar, tornavam-se presentes, volumosos, com suas figuras, cheiros e cores. Assim era tudo em que Félicien punha os olhos. Sua mágica alcançava as coisas e elas se tornavam ouro, ou cobre, cintilações de prata. (ASSIS BRASIL, 2002, p. 42).

A chegada de outra realidade, de um sujeito que emerge de uma sociedade distante, pautada por outros valores e por outras percepções que diferem daqueles que habitam o pampa, mostra que existem posturas diferentes das existentes. Caso exemplar é a forma com que o francês trata o negro e que causa surpresa para Isabel, já que, na estância, os negros eram tratados como animais, com indiferença; enquanto que Félicien traz o seu negro vestido com boas roupas e o trata de maneira muito respeitosa.

O negro de Félicien, Isabel dava-se conta, o negro que veio com ele. (...) E o negro vestia-se não com os ponchos costumeiros dos escravos, mas com um gibão de lã amarela, calças verdes, e usava botas, coisa de capataz. Via-se que Felicién era generoso. Coração aberto, bondade. Quando que na estância uma vez deram tamanhos luxos aos escravos? Ela mesma agora se vexava por considerá-los grosseiros e ignorantes, feitos só para a cafua e as gargalheiras. Félicien provava que também tinham alma, segundo diziam os padres, Isabel nunca acreditando muito, confusa ante sua estupidez, sua bronca inteligência. Ali caminhava uma demonstração de que estivera enganada, até agora. (ASSIS BRASIL, 2002, p.41)

O olhar do outro sempre influenciará a identidade individual, é necessário a existência da alteridade para formar a identidade. É o que acontece na passagem anterior, Isabel nunca havia realmente pensado na questão dos escravos, pois, em sua realidade, eles eram tratados como se não tivessem alma, e, com a chegada do francês, de outro alguém que os contempla como seres humanos, ela conseguiu observar melhor essa situação: se o forasteiro, uma pessoa refinada e estudada, tratava esses seres com respeito é porque realmente deveriam ser seres humanos.

Para Landowski (2003), não é apenas o que me diferencia do outro que cria uma alteridade, mas também a forma como eu reajo quanto a essa diferença. Ao longo da vida, nos identificamos com o que antes nos era indiferente, assim sendo, o nosso processo de identificação também está sempre em movimento. Do mesmo modo, no texto narrativo em estudo, observa-se que a maneira como o francês é visto pelas personagens modifica-se no decorrer do romance.

Devido às situações existentes no Rio Grande do Sul no tempo da ação, sempre havendo conflitos por causa das divisões de fronteiras, a luta para manter as terras e a invasão constante dos espanhóis, há uma insegurança quando se imagina a chegada de um estrangeiro. A vinda do francês, de certa forma, é associada com essa situação e, com a troca de foco narrativo, pode-se observar o que cada personagem sente em relação a esta chegada: invasor e conquistador, por uns, um cavalheiro, belo e atraente, por outros.

Na primeira parte, em que o narrador acompanha Isabel, é possível identificar que ela opõe resistência até mesmo a olhar para Félicien, pois, no começo, não quer encará-lo e chega a considerá-lo um diabo ou um enviado dele. Com o passar do tempo, porém, a jovem vai sendo seduzida pelos encantamentos do estrangeiro e, por seus pensamentos, pode ser notado que ela o concebe como belo e dotado de uma bondade quase santificada.

Para Jacinto, na segunda parte, nas raras vezes em que o seu pensamento volta-se para o francês, (pois a maior parte do tempo ele está pensando em sua mãe) Félicien é um conquistador, já que conseguiu seduzir sua adorada mãe.

Do ponto de vista de Micaela em relação ao francês, há um distanciamento inicial que, após uma observação secreta do visitante, transforma a sua opinião e o que era um grande desprezo torna-se uma paixão arrasadora. A partir desse momento, os seus sentimentos misturam-se e Micaela considera que Félicien é uma mistura de Deus e do Diabo: Deus, pois o francês é belo, com a pele muito branca e os olhos azuis; Diabo, porque desperta-lhe sentimentos que vão contra os princípios de uma mulher virtuosa.

Hall (2007, p.109) sublinha que as “identidades são construídas dentro e não fora do discurso, que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”, dado que acontece na narrativa, posto que a identidade formada da família Antão, para todos que os cercam, é a de uma família virtuosa, com princípios de morais e costumes rígidos, como era norma para aqueles que viviam na região e na época em foco. Contudo, com a volta do coronel, a traição de Micaela seria descoberta, era necessário manter tal situação escondida, fazendo qualquer coisa para isso: a alternativa escolhida por ela foi assassinar o marido e, mesmo os filhos sabendo o que seria feito, os dois jovens preferiram silenciar, optaram por fingir que nada acontecera, não impedindo o assassinato do pai, o qual se sobrevivesse e tomasse conhecimento da traição da mulher estabeleceria um escândalo, ou seja, a mãe e os filhos optam por manter “as virtudes da casa”, conservando a suposta identidade que lhes fora consagrada pelos seus pares, aqueles que viviam e conviviam com a família em seu universo de inserção.

Deve-se referir, neste ponto, que o discurso nunca é conclusivo, mesmo ele sendo objetivo, há lacunas que ficam em branco, pois sempre há o que ser dito, e é assim que se encerra a obra estudada: um discurso incompleto, que faz com que o leitor fique pensando nos segredos da Estância da Fonte. Consoante Umberto Eco (1994, p.13), passamos “o resto da vida imaginando o que aconteceu”, por isso, na quarta parte, principalmente após a morte do coronel, não há mais o ponto de vista de nenhum dos envolvidos, sobressaindo-se a visão do padre que acompanhou Baltazar Antão e de um dos convidados da festa, Felipe Andrade, ou seja, tem-se mais uma vez a visão do outro na obra.

Do ponto de vista do padre, há uma confusão diante da situação encontrada já que, no momento da morte do coronel, o cura está alcoolizado, mantendo relações sexuais com uma empregada da estância. Além disso, a sua vida pessoal é repleta de pecados, por isso, ele não se considera capaz de julgar o ocorrido, mesmo assim, observam-se as impressões do comportamento dos membros da família que ele registra em seus pensamentos: todos demonstram frieza, até mesmo os empregados parecem sofrer mais.

Do outro lado do corpo, no sofá de palhinha, estavam dona Micaela, Jacinto e Isabel, perfeitos em sua simetria e regularidade, a morte atingindo aos três por igual. Não se mexiam e não falavam, as mãos caídas sobre as coxas, olhando o morto. Mas não choravam, percebeu logo o padre. (ASSIS BRASIL, 2002, p. 382)

Mas quem encerra a narrativa é o ponto de vista de Felipe, um rapaz oriundo de Porto Alegre que mal conhecia a família e menos ainda os eventos ocorridos na Estância da Fonte anteriores ao retorno do coronel, pois estava apenas na festa acompanhando a sua irmã. Por esse distanciamento, ele consegue analisar a situação como mero espectador. Encerra a trama sem conseguir fechá-la, porque só o que e pode fazer é a interpretação das atitudes dos envolvidos.

O padre disse então em voz alta que se ia proceder ao sepultamento do coronel Baltazar Antão Rodrigues de Serpa e que, para tanto, pedia ao filho, Jacinto que o seguisse, segurando um cruzeiro. Jacinto pareceu até gostar do que lhe era solicitado e, tomando com as duas mãos o crucifixo da parede, veio para seu lugar, esperando que levassem para fora o féretro. No terreiro, armaram a procissão e foram [...]. Isabel ao centro, dando o braço ao major, enquanto dona Micaela caminhava sozinha, a única a estar com a cabeça erguida, o rosto apaziguado; tinha tirado todos os enfeites, e parecia estar ainda mais bela, afogada no vestido negro que lhe moldava a cintura. (ASSIS BRASIL, 2002, p. 386)

Com o ponto de vista de um outro, alheio aos acontecimentos ocorridos no enredo, mantém os sentimentos dos envolvidos na tragédia sem comprometimento deles, logo a aura de mistério e o silêncio marcam o desfecho da narrativa, conservando-se “as virtudes da casa”.

Considerações Finais:

Considerando-se que a literatura tem como objeto a condição humana e aquele, que lê, faz-se capaz de compreender o ser humano em suas mais variadas nuances, é possível argumentar que, através da literatura, conhecemos diferentes alteridades, observando-se personagens, suas diferentes formas de sentir e agir, mas também perceber o quanto é necessário um confronto com diferentes identidades, pois sem o contato com uma alteridade, não é possível perceber as limitações e nem mesmo os pontos positivos da identidade atual. Daí, ser aceitável propor-se que, na sociedade em que convivemos, a dualidade identidade e alteridade tende a conduzir-nos nas mesmas trilhas das personagens que compõem o romance em estudo, dá-se o embate entre o que é outro e o que é o mesmo, optando-se, no caso em tela, pela manutenção de um *status quo* já consagrado, mesmo que isso signifique o sacrifício do chefe da família.

Quando o francês é recebido pela família de Baltazar Antão, tradicional do lugar, tem-se uma identidade estabelecida tanto para os próprios familiares quanto para a sociedade em geral, mas, com o passar dos dias, a alteridade, outro que, neste caso, é representado pelo europeu culto, civilizado, diferente de tudo o que eles estavam acostumados, possibilita-lhes perceber o quão limitado é seus costumes e princípios.

Portanto, o relacionamento do francês com uma alteridade, com as pessoas da estância, traz mudanças não só para ele, que vai embora feliz por suas descobertas e conquistas, mas principalmente para os habitantes do sul do Brasil, pois suas vidas jamais serão as mesmas. Neste embate, entre *alter* e *idem*, a grande desvantagem recai sobre o coronel, morto, para que se mantenha a identidade que fora desestruturada pela alteridade, pela presença do outro, não afeito aos costumes do lugar e que, ao mesmo tempo, desperta o desejo, a paixão das mulheres da casa.

Por fim, registre-se que, em *As Virtudes da Casa*, há a oportunidade de se conhecer uma realidade em que o importante é manter as aparências, manter uma identidade para a sociedade na qual o indivíduo está inserido, mesmo que, para isso, fosse derramado sangue.

De tal sorte é, pois, possível inferir que identidade e alteridade exercem pressões que transcendem a mera convivência, que se elevam a patamares superiores e instigam seres humanos a comportamentos, até então, impensados ou, na melhor das hipóteses, adormecidos.

Referências Bibliográficas:

ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. **As virtudes da casa**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

FRIEDMAN, Norman. **Point of View in Fiction, the development of a critical concept**. New York: The Free Press, 1967.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-133.

LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**. 2. ed. São Paulo, Perspectiva, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-72.